

O uso das cores na direção de arte: a influência das cores na construção de personagens e relações no filme *Que horas ela volta?*, de Anna Muylaert¹

Águida Lays Vasques da Silva²
Flávia Affonso Mayer³
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

As cores desempenham um papel importante nas produções cinematográficas, sendo elas capazes de gerar significados que influenciam nas narrativas. Este artigo analisa o uso das cores na direção de arte do filme *Que horas ela volta?* (2015), da diretora Anna Muylaert, com o objetivo de contribuir para discussões no campo da direção de arte sobre como as cores são elementos fundamentais no processo audiovisual, participando na construção de personagens e espaços. Em um primeiro momento, esta pesquisa de caráter qualitativo e descritivo, contextualiza as cores e as cores no cinema. Em seguida, analisa como as cores são mobilizadas no filme *Que horas ela volta?* e as percepções e sensações que se potencializam a partir disso. Conclui-se que as cores possuem um importante papel no processo de comunicação com os espectadores.

Palavras-chave: Cores; Cinema; Direção de Arte.

Introdução

O contato constante com as cores às vezes nos faz esquecer dos efeitos que elas despertam em nós, dos significados que carregam e a forma que nos afetam, muitas vezes de maneira inconsciente. Muitos teóricos referem-se à cor como um fenômeno, visto que elas propiciam determinadas sensações. Guimarães (2004) diz que a cor é uma informação visual, causada por um estímulo físico, percebida pelos olhos e decodificada pelo cérebro. Ou seja, ao percebermos uma cor, suas informações nos são transmitidas e assim provocam efeitos.

No século XX, o cinema passou a ser colorido. Foi uma evolução para a indústria cinematográfica, especialmente considerando que vários cineastas utilizavam as cores de forma consciente na construção de seus filmes de acordo com os efeitos que elas propiciavam nos espectadores. Na produção cinematográfica, um dos departamentos responsáveis pelas escolhas cromáticas dos filmes é o departamento de arte. Mais especificamente, o diretor de

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, da Intercom Júnior – 22ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 6º Semestre, do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, e-mail: aguidavasques34@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho e Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, professora adjunta do Departamento de Comunicação da UFPB e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, e-mail: flavia.mayer@gmail.com.

arte, juntamente com o diretor e o diretor de fotografia, são responsáveis por criar a visualidade no cinema. De acordo com Santos e Sirino (2020), a direção de arte se instaura na superfície da imagem, mas a sua expressividade resulta do forte investimento em um elemento cênico em especial: a cor. Sabendo disso, observa-se como a utilização desse elemento em filmes podem influenciar a construção de sentidos do espectador ao explorar seus significados para contribuir na construção da narrativa.

Por essa razão, este trabalho pretende analisar como as cores se aplicam no filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015), investigando como a direção de arte utiliza as cores para contribuir na representação de relações afetivas e na subjetividade dos personagens do filme em questão. Segundo França (2003), os objetos de comunicação são capazes de propiciar sentidos dentro do processo comunicacional. Nesse contexto, as cores no cinema desempenham uma função importante: elas se comunicam e se relacionam com o espectador, são uma forma de representação e denotam questões subjetivas e sociais, criando atmosferas e sugerindo emoções.

Sendo assim, busca-se contribuir para discussões no campo da direção de arte, em especial para acrescentar nos estudos sobre como as cores também são elementos que influenciam diretamente na narrativa cinematográfica e como elas contribuem para a representação e construção de personagens e espaços. O presente estudo mostra-se relevante por ampliar essa compreensão sobre o papel das cores no cinema e reforçar a perspectiva de que elas não são apenas elementos visuais estéticos, mas que também atuam como elementos simbólicos e, assim funcionam como uma extensão dos personagens e da narrativa, gerando significados capazes de influenciar no desenvolvimento de sentidos do espectador.

A direção de arte e as cores no cinema

No processo de produção cinematográfico, o roteiro é organizado por meio de uma linguagem verbal. A partir de sua leitura e análise, é preciso, então, pensar em como construir a visualidade do filme por meio dos cenários, objetos, figurinos, maquiagens, paleta de cores e iluminação. O cinema é uma linguagem coletiva, para que esses signos verbais do roteiro sejam traduzidos em signos visuais, é necessário que alguns departamentos estejam em contato durante o processo – dentre eles, o departamento de arte. As principais funções dentro desse departamento são compostas pelo diretor de arte, produtor de arte, assistente de arte,

designer de produção, cenógrafo, figurinista e maquiador (Santos, 2017). Dependendo da produção e do orçamento, existem funções ainda mais específicas dentro do departamento.

A direção de arte participa das etapas de pré-produção e produção e, em alguns casos, também da pós-produção, quando necessário. Com as ideias iniciais começam as pesquisas e buscas por referências que contribuam para a composição da narrativa, *concepts* visuais e *storyboards* são elaborados, e o roteiro começa a ganhar materialidade visual. “[...] O roteiro desenvolve a informação dos caminhos da história a ser contada, por outro, é a direção de arte que dá relevo, dimensão, profundidade, contornos e identidade à informação” (Santos, 2017, p. 24).

Santos (2017) descreve as cinco etapas criativas consideradas cruciais para o processo do diretor de arte, são elas: a) *Preparação*, que é o primeiro momento, onde acontece as pesquisas e crescimento de informações; b) *Expansão ou Incubação*, que envolve a criação de *storyboards*; c) *Transição ou Iluminação*, onde “o diretor de arte tem seus limites restringidos não só ao roteiro, mas às escolhas, às decisões e às sugestões do diretor, ao orçamento e ao raio de ação ou campo de visão da câmera” (Santos, 2017, p. 26); d) *Maturação ou Verificação*, é a fase que ocorre os testes de figurino, construção de objetos e cenários, testes de maquiagem, etc; e) *Clímax*, é a última fase, acontece durante as filmagens, onde tudo já está materializado.

Por meio dessas etapas é possível visualizar melhor o trabalho deste profissional, fundamental para a realização do processo fílmico. No contexto de sua atuação, neste estudo focaremos em um dos elementos visuais que fazem parte das escolhas de um diretor de arte: a paleta cromática. Considerando o contexto do filme, as convenções culturais e até mesmo as relações de todos os elementos visuais e como eles compõem os espaços, essas cores passam a sugerir experiências e significados. É necessário, pois, pensar nas cores fundamentais para se criar a atmosfera desejada.

As cores são elementos naturais presentes no ambiente que nos rodeia. Existe um processo visual complexo para que nossos olhos sejam capazes de percebê-las e para que o nosso cérebro possa interpretá-las. “A cor é vista: impressiona a retina. E sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique uma ideia” (Farina, Perez, Bastos, 2006, p. 13). Observamos aqui três categorias que são importantes para o

processo de decodificação das cores: ela é recebida pelo olho como uma informação, causando estímulos cromáticos que provocam sensações ao carregar consigo significados simbólicos, por isso é sentida e construtiva. Elas conversam inconscientemente com os quem as vê. Guimarães, em seus estudos sobre a cor como informação, expõe que:

A simbologia das cores dependerá do armazenamento e a transmissão do seu conteúdo que pode, afinal, transpor períodos de tempos maiores ou ter validade por um período menor, assim pode variar em relação ao repertório compartilhado por aqueles que participam do processo da comunicação.
(Guimarães, 2004, p. 87)

Portanto, por mais que cada cor possua um significado culturalmente atribuído, suas simbologias podem mudar dependendo do contexto ou do lugar que está inserida. Além disso, a percepção que se cria a partir delas, de certa forma, parte também de um pressuposto individual e subjetivo, considerando as experiências de cada pessoa. Porém, no geral, seguindo os diversos estudos sobre a psicologia das cores, seus significados são classificados e seguidos quando usados intencionalmente para gerar efeitos

Dessa forma, entendendo que as cores suscitam sentidos e experiências estéticas, percebemos como o cinema aos poucos foi compreendendo e revolucionando o uso das cores em suas narrativas. Existiram vários processos de colorização no cinema para chegar ao que ele é hoje, passando por experimentos feitos manualmente, que consistiam em um trabalho árduo e complexo. Em 1930, a empresa *Technicolor* foi criada, utilizando as três cores primárias: azul, verde e vermelho na sétima arte. Segundo Gaspar (2017) acredita-se que *Becky Sharp* (1935), de Rouben Mamoulian, seja o primeiro filme produzido sob a tecnologia de três cores da *Technicolor*. Apesar do receio inicial ao uso das cores nos filmes, por acreditarem que elas não transmitiam realismo nas telas, após um tempo “libertaram-se da ideia limitada ao realismo e puderam explorar de forma mais criativa, disruptiva e inusitada o uso da cor no cinema” (Sum, 2021, p. 4), podendo então se firmar o uso cromático no cinema.

Conforme Gaspar (2017), as escolhas cromáticas se desenvolveram como importante estética do cinema, caracterizando épocas e ajudando a compor as “assinaturas” dos

cineastas. Na terceira fase do Cinema Novo⁴ no Brasil, por exemplo, podemos notar o uso intencional de cores vibrantes por uma forte influência do movimento tropicalista⁵, como o filme *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade. O filme carrega consigo críticas políticas e sociais, representadas não só em sua narrativa, mas também no uso expressivo e vibrante das cores.

Santos e Sirino (2020) destacam que a cor pode ser usada tanto de forma destacada quanto sutil. Além disso, os autores acrescentam que “o efeito psicológico da cor pode adicionar profundidade à história e à personagem; as cores podem ser usadas para identificar personagem e lugares, como também podem ser utilizadas para destacar a diferença” (Santos e Sirino, 2020, p. 127). Sob essa perspectiva, o papel do diretor de arte é fundamental para o enriquecimento do filme tanto visualmente quanto narrativamente, visto que “a aplicação intencional da cor, ou do objeto (considerando-se sua cor), possibilitará ao objeto (ou estímulo físico) que contém a informação cromática receber a denominação de signo” (Guimarães, 2004, p. 15). Sendo a cor um signo visual⁶, a colocamos como um importante elemento de significação e construção de sentidos, influenciando no processo de recepção cinematográfica do público.

Procedimentos metodológicos

Sabendo que cada cor é um estímulo para provocar sensações e partindo da ideia de que produtos audiovisuais consideram os seus significados para a construção da visualidade, esta pesquisa de caráter qualitativo e descritivo, uma vez que busca compreender e interpretar aspectos relacionados ao fenômeno estudado, ao mesmo tempo que procura descrever suas características e particularidades, realiza um estudo de caso do filme *Que horas ela volta?* (2015). Com esse propósito, serão analisadas algumas cenas a fim de entender a influência das cores na construção dos personagens e dos espaços e quais efeitos podem causar no espectador, considerando o contexto da narrativa desenvolvida acerca de classes sociais.

Dessa forma, realizamos uma análise fílmica das cores na narrativa, fundamentada no conceito a análise da imagem e do som descrita por Penafria (2009), como uma análise que

⁴ O Cinema Novo foi um movimento cinematográfico brasileiro que se destacou pela sua crítica à desigualdade social.

⁵ No cinema, esse movimento foi marcado pelas reflexões das tensões políticas e sociais. De uma forma criativa e moderna, os cineastas buscavam desafiar os padrões e quebrar as convenções.

⁶ Signo visual é todo elemento percebido pela visão que produz significado, como cores, objetos, imagens, formas ou símbolos presentes em uma composição visual.

entende o filme como um meio de expressão. Visto que, abordamos a influência das cores em uma obra cinematográfica.

Ao assistir o filme para a seleção das cenas a serem analisadas, tomamos como critério para a escolha dos *frames* aqui escolhidos para compor o *corpus* momentos em que as cores contribuem de forma mais efetiva para a construção da personagem. Para tanto, consideramos, sobretudo, o estado emocional da protagonista e o contexto em que ela está inserida. Para isso, foram observados os diferentes espaços frequentados por Val (protagonista vivida pela atriz Regina Cazé) em seu cotidiano, especialmente a casa dos patrões e os ambientes externos a esse contexto. Verifica-se que as cores dos cenários e dos figurinos passam de tonalidades pálidas e frias dentro da casa, para cores mais vibrantes quando a personagem se encontra fora do ambiente de trabalho.

Posteriormente, observamos o contraste cromático presente nas cenas de interação entre Val e os demais personagens, como Fabinho (Michel Joelsas), Jéssica (Camila Márdila) e Bárbara (Karine Teles). Como será melhor apresentado no item de análise deste estudo, na maior parte das cenas em que Val contracenava com Bárbara, cuja relação é marcada pelo distanciamento afetivo, predominam tonalidades frias, evidenciadas tanto nos figurinos e objetos em cores neutras quanto na iluminação branca. Em contrapartida, nas cenas que retratam momentos de maior proximidade e acolhimento com Fabinho e, posteriormente, com Jéssica, à medida que mãe e filha fortalecem seus laços, predominam tonalidades mais quentes.

Com base nessas diferenças cromáticas, realizamos uma breve decupagem das cenas, organizando-as em duas categorias: (1) ambiente de trabalho e espaços externos a esse contexto; e (2) relações afetivas da personagem. A partir dessa organização, foram extraídos 24 *frames* do filme para compor a análise inicial. Entretanto, para a discussão apresentada neste trabalho, foram selecionados apenas nove *frames*, nos quais as diferenças cromáticas se mostravam mais evidentes e representativas para a análise. Como dito anteriormente, a escolha destes frames se deve a como as cores contribuem de forma mais efetiva para a construção da personagem considerando, sobretudo, o estado emocional da protagonista e o contexto em que ela está inserida.

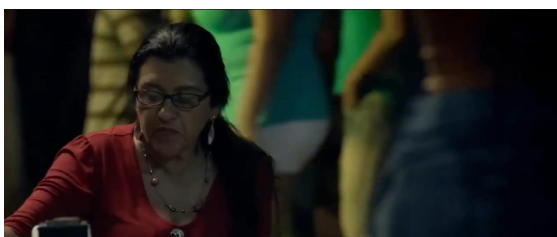
A influência das cores no filme *Que horas ela volta?*

O filme *Que horas ela volta?* (2015) dirigido por Anna Muylaert, acompanha a vida de Val, personagem vivida pela famosa atriz brasileira Regina Casé. A direção de arte do filme é composta por Marcos Pedroso e Thales Junqueira, que trabalharam em parceria para a construção visual da obra. Em diálogo com a direção de Anna Muylaert e com os demais departamentos, os diretores de arte desenvolveram os elementos visuais que materializaram os espaços, os objetos, a paleta cromática e os demais aspectos da ambientação, contribuindo para a construção de sentidos da narrativa.

A narrativa se desenvolve a partir da experiência de Val, uma empregada doméstica que há anos trabalha e reside na casa de uma família de classe média alta na cidade de São Paulo. A dinâmica da casa sofre alterações com a chegada de sua filha, Jéssica (Camila Márdila), que se muda para São Paulo para prestar vestibular. Jéssica adota comportamentos diferentes de Val dentro da residência e questiona sobre os limites que são impostos para a sua mãe. A partir disso, tensões começam a surgir, tornando ainda mais perceptível as hierarquias sociais e afetivas retratadas no filme.

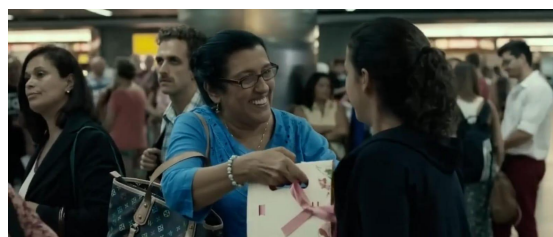
Pensando na construção dos personagens, nota-se uma mudança nas cores dos figurinos de Val e como elas podem ser uma extensão das suas emoções. Quando Val está na residência, além do uniforme em um tom de azul claro que ela usa, suas roupas são normalmente em cores neutras. Mas, quando a personagem está em outros lugares, fora do habitual trabalho, cores vibrantes são escolhidas para o seu figurino, como o vermelho quando ela sai para se divertir com uma amiga (Imagem 1), ou o azul quando reencontra Jéssica pela primeira vez depois de anos (Imagem 2). Além disso, outro detalhe da cor em um dos figurinos de Val, é quando Jéssica sai da casa dos patrões da mãe. No dia seguinte, Val aparece vestida com uma blusa cinza escuro (Imagem 3), ela não diz muitas coisas quando encontra com os patrões na cozinha, parecendo estar triste.

Imagem 1 – Blusa vermelha



Fonte: *Frame* feito a partir do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015)

Imagem 2 – Blusa azul



Fonte: *Frame* feito a partir do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015)

Imagem 3 – Blusa cinza



Fonte: *Frame* feito a partir do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015)

Em *A Psicologia das Cores*, Heller (2021) diz que o cinza é a cor de todas as adversidades que destroem a alegria de viver. Na noite em que Jéssica vai embora, é uma noite conturbada, ela sai às pressas, na chuva, enquanto Val caminha atrás dela dizendo que é perigoso sair daquele jeito, mas Jéssica está com raiva e magoada e diz a Val que não entende como ela consegue viver naquele lugar em que tantas regras absurdas são postas pra ela. O cinza no figurino de Val (Imagem 3) no dia seguinte pode ser interpretado como uma representação da crise interna vivenciada pela personagem, refletindo sentimentos como a tristeza, a angústia e o vazio deixados pela partida de Jéssica e pelas palavras que ouviu da filha.

Partindo para a análise das cores na representação das relações entre os personagens, observa-se os tons usados nas cenas que reúnem Val e Fabinho (Imagem 4). O filme se inicia com Val cuidando de Fabinho quando ele era criança, quando o tempo se passa percebemos que o vínculo dos dois se fortaleceu, transformando-se em algo maternal, já que Val sempre esteve presente na vida dele. As cores que compõem essas cenas geralmente seguem um certo padrão, sendo elas em tons quentes. As cores quentes incluem o vermelho, laranja, amarelo, rosa e alguns tons de marrom. Esses tons escolhidos atribuíram aconchego e intimidade ao contexto narrativo, reforçando o afeto e o cuidado dos momentos compartilhados entre eles.

Quando se trata de Val e Bárbara, notamos o contrário dos momentos entre Val e Fabinho. Vemos o branco e o azul muito presente em diferentes tonalidades nos cenários e nos figurinos (Imagem 5), causando uma sensação de frieza e vazio constantes. Esses tons

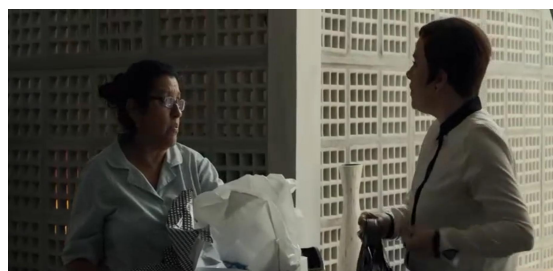
frios influenciam o espectador a notar a relação distante que se mantém entre as duas. As cores frias normalmente incluem as tonalidades do azul, verde e roxo.

Imagem 4 – Val e Fabinho



Fonte: *Frame* feito a partir do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015)

Imagem 5 – Val e Bárbara



Fonte: *Frame* feito a partir do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015)

As cores quentes que são atribuídas nas cenas entre Val e Fabinho e as cores frias entre Val e Bárbara, mostram o contraste que existe nessas relações. Gaspar discorre sobre cores frias e cores quentes dizendo:

As tonalidades quentes e frias propõem uma experiência sensorial ao telespectador, o qual vai da sensação térmica à representação de sentimentos. Vemos, por exemplo, cores quentes associadas a cenas expressando paixão, desejo, felicidade, fantasia, vida etc. Enquanto cores frias são associadas a tristeza, seriedade, morte, realidade, dentre outras. (Gaspar, 2017, p. 155)

No que diz respeito à relação entre Val e Jéssica, nota-se uma mudança significativa na paleta cromática ao longo do filme. Inicialmente, as cenas das duas são envolvidas por tons frios (Imagem 6), como se de alguma forma materializasse o distanciamento entre elas e a mágoa que Jéssica sente ao ter sido deixada sob os cuidados de parentes na infância sem a presença constante da mãe. Mas não somente esse ressentimento, as cores também refletem os conflitos que acontecem pelos questionamentos de Jéssica sobre as regras que são impostas para ela e para a mãe. À medida que as duas vão se reaproximando e construindo um vínculo mais afetuoso, percebe-se que as cenas vão ganhando uma tonalidade de cores mais quentes nos cenários (Imagem 7), sugerindo uma sensação de intimidade, produzindo uma atmosfera acolhedora.

Imagem 6 – Paleta com tons frios na cena entre Val e Jéssica



Fonte: *Frame* feito a partir do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015)

Imagem 7 – Paleta com tons quentes na cena entre Val e Jéssica



Fonte: *Frame* feito a partir do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015)

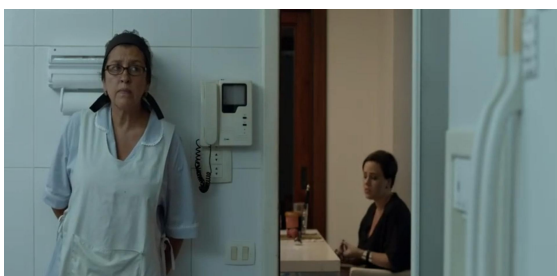
Outro ponto importante da análise são as cores do ambiente. O filme tem como cenário principal a residência da família Bragança, uma casa moderna em sua maioria de cores neutras, seja nas paredes ou nos móveis, sendo o branco a cor que compõe a maior parte dos ambientes. Bragança, Siciliano e Pinto (2019) expõem que os espaços funcionam como marcadores da hierarquia social presente no filme. Os autores apontam que:

Vemos nos filmes cenas que se referem à diferenciação da comida (qualidade e quantidade da mesma), dos espaços onde as empregadas circulam, dentro e fora de casa, seus lazeres, sua subjetividade e afeto familiar. Todos esses elementos representam a marcação e reforço do papel social a que foram submetidas dentro de uma relação fortemente hierarquizada. (Bragança; Siciliano; Pinto, 2019, p. 112)

Com isso, consideramos que as cores que constituem esses espaços podem refletir parte dessas significações, reforçando o papel social ao qual Val é submetida. A cozinha é um dos lugares fundamentais para a narrativa do filme, sendo o cenário de diversas cenas essenciais. Nesse ambiente, são visíveis as cores pálidas, frias e pouco saturadas não apenas nos objetos e na iluminação, mas também no figurino da personagem, que dialoga com o cenário, conforme demonstrado nas Imagens 8 e 9. Consideramos que esse diálogo entre o cenário e o figurino, ao apresentarem a mesma paleta cromática, pode ser interpretado como um recurso visual que reforça a invisibilização da classe trabalhadora, uma vez que a personagem parece fundir-se ao ambiente. Além disso, ao observar a Imagem 8, nota-se a

diferença entre a iluminação da cozinha, caracterizada por uma tonalidade fria, onde Val se encontra, e a da sala de jantar, onde a família está reunida, marcada por uma tonalidade mais quente. A percepção que essas cores evidenciam é de um distanciamento entre Val e seus padrões, principalmente com a chegada de Jéssica quando em um determinado momento Bárbara fala para mantê-la “da porta da cozinha pra lá”, as cores nesse ambiente trazem a sensação do vazio e da solidão que a personagem sente.

Imagem 8 – Cena no cenário da cozinha



Fonte: *Frame* feito a partir do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015)

Imagem 9 – Cena no cenário da cozinha



Fonte: *Frame* feito a partir do filme *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015)

Segundo Bragança, Siciliano e Pinto (2019) a hierarquização e a invisibilidade das personagens se mostram latentes, seja por meio dos espaços por onde elas transitam e residem, ou pela demarcação de elementos que estão na própria imagem fílmica. Torna-se perceptível como o ambiente da cozinha em *Que horas ela volta?* é um desses espaços que demarcam a hierarquização, sendo o lugar em que Val, enquanto empregada doméstica, passa a maior parte do tempo.

Dessa forma, percebe-se como as cores nos ajudam a criar uma percepção acerca do drama, seja nos objetos, cenários, figurinos e iluminação. As informações cromáticas são postas para contribuir na construção de sentidos e significados da narrativa e para auxiliar na percepção construída pelo espectador.

Considerações finais

As cores são elementos importantes para a construção de sentidos no cinema, elas tem o potencial de influenciar no desenvolvimento da narrativa. A esse respeito, Guimarães (2004) afirma que se a comunicação por imagens por si só já possui uma enorme força

apelativa, as imagens de exuberante colorido têm uma força ainda maior. Nessa perspectiva, elas cumprem um papel importante no processo de comunicação com o público, principalmente no cinema em que são fundamentais na construção de personagens e cenários.

São muitos os estudos sobre cores, mas poucos sobre como elas desempenham um papel importante em obras cinematográficas. Notamos com a análise feita das cores no filme *Que horas ela volta?*, como o papel desses elementos em produções audiovisuais são de fundamental importância, tanto para a história do filme, agindo como uma extensão subjetiva dos personagens, quanto para a percepção do público sobre o filme, influenciando diretamente na forma em que os significados são atribuídos ao decorrer da narrativa.

Referências

BRAGANÇA, Maurício de; SICILIANO, Tatiana Oliveira; PINTO, Licia Marta da Silva. Interdição e invisibilidade nas representações cinematográficas: a geográfica doméstica das empregadas em *Que horas ela volta?* e *Aquarius*. **Galáxia (São Paulo)**, n. 42, p. 109-121, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25532019341050>. Acesso em: 20 set. 2025.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5.ed. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2006.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação/ A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 39-60.

GASPAR, Ítalo. A cor como elemento de significação na narrativa fílmica: um estudo do longa *A História da Eternidade*. **O Mosaico**, n. 14, p. 145-164, 2017. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/mosaico/article/view/1843/pdf_47. Acesso em: 20 set. 2025.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 3.ed. São Paulo: Annablume, 2004.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Editora Olhares, 2021.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes - conceitos e metodologia(a). In: **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. 2009. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 26. jun. 2026.

SANTOS, M. M. A Direção de Arte no Cinema: uma abordagem sistêmica sobre seu processo de criação. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 014–030, 2017. DOI: 10.5902/1983734823914. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/23914>. Acesso em: 27 jun. 2026.

SANTOS, Tânia Maria dos; SIRINO, Salete Paulina Machado. Uma visita à direção de arte no cinema brasileiro. **Art&Sensorium**, v. 7, n. 1, p. 119-132, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/3562> . Acesso em: 18. set. 2025.

SUM, Amanda Flinker. **A cor no espaço cênico além da estética**: uma análise do uso da cor como elemento de linguagem no cinema. 2021. Monografia (Especialização em Design Cenográfico) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.